

Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de *O Paiz* (1884-1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa

The collaboration of Maria Amália Vaz de Carvalho with O Paiz (1884-1889): survey of texts and preliminary research notes

Tania Regina de Luca 

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
tania.luca@unesp.br

Ana Cláudia Suriani da Silva 

University College London (UCL) | School of European Languages, Culture and Society (SELCS)
a.surianidasilva@ucl.ac.uk

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Data de Submissão: 18/08/2021

Data de Aprovação: 07/11/2021

Resumo

O projeto “É preciso falar sobre as ausentes: mulheres cronistas na imprensa oitocentista: Pesquisa em acervos” (UCL, Unesp, Unicamp) visa localizar, de forma sistemática, a colaboração das escritoras Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), Maria Benedita Câmara Bormann (pseudônimo Délia, 1853-1895), Emília Moncorvo Bandeira de Melo (pseudônimo Carmen Dolores, 1852-1910) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) na imprensa do Rio de Janeiro no período da chamada Belle Époque. A pesquisa parte do acervo digital de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, e, além de ter em vista a organização de edições digitais de livre acesso, pretende reavaliar a presença feminina na imprensa de fins do Oitocentos, de modo a contribuir para dar visibilidade e construir novas narrativas acerca das vozes femininas, em grande parte, ainda silenciadas. O artigo detém-se na trajetória de Maria Amália até sua entrada em *O Paiz*, apresenta a publicação na qual a escritora contribui por cinco anos, ainda que não de maneira contínua, e em cujas páginas esteve presente quase uma centena de vezes. Objetiva-se apresentar os traços gerais desse volumoso conjunto de textos de gêneros diversos – crônicas, contos, ensaios e resenhas de livros – e indicar algumas de suas múltiplas possibilidades analíticas. Destaque-se que se trata de um trabalho em andamento, uma vez que a pesquisa encontra-se em seus primórdios.

Palavras-chave: Maria Amália Vaz de Carvalho, *O Paiz*, escrita feminina, crônica, correspondente

Abstract

The project “The necessity for discussing the absent: women chroniclers in the nineteenth century press: Research in collections” (UCL, Unesp, Unicamp) aims to systematically locate the collaboration of writers Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), Maria Benedita Câmara Bormann (pseudonym Délia, 1853-1895), Emília Moncorvo Bandeira de Melo (pseudonym Carmen Dolores, 1852-1910) and Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) in the Rio de Janeiro press during the Belle Époque. The survey is based on the digital collection of periodicals available at the Hemeroteca Digital Brasileira, Brazilian National Library. In addition to organizing free access digital editions, it intends to reassess the female presence in the late nineteenth-century press, in order to give more visibility to women’s journalism and construct new narratives around female voices, which are still largely silent. The article focuses on Maria Amália’s career until joining *O Paiz*, and presents her five-year collaboration with this daily newspaper which (although not continuously) amounts to almost one hundred articles. This paper aims to present the general features of this voluminous set of texts from a diverse range of genres – crônicas, short stories, essays and book reviews – and to highlight its multiple possibilities for analysis. It should be noted that this is a work in progress.

Keywords: Maria Amália Vaz de Carvalho, *O Paiz*, women’s writing, chronicle, correspondent

1.A “escritora senhora”

A escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, nasceu em primeiro de fevereiro de 1847, numa família aristocrática, foi educada em casa pela mãe e incentivada a escrever pelo pai, o deputado José Vaz de Carvalho, que recebia na quinta da família, em Pintéus, políticos e escritores. Os dotes literários da jovem logo evidenciaram-se, tanto que, em 1867, publicou seu primeiro livro, *Uma primavera de mulher*, poema em quatro cantos prefaciados pelo político e literato Tomas Ribeiro.

O casamento em 1874, quando tinha 27 anos, com o poeta afro-brasileiro radicado em Portugal, Gonçalves Crespo, não interrompeu sua atividade intelectual, pelo contrário, às poesias de *Vozes no ermo* (1876) seguiram-se *Serões do campo* (1877), reunião de contos e ensaios, *Arabescos. Notas e perfis* (1880), estudos de caráter biográfico e, ainda em 1880, *Contos e fantasias*, narrativas ficcionais, e *Mulheres e crianças: notas sobre a educação*, com temática relativa à família. A colaboração em periódicos amiudou-se, inicialmente sob o pseudônimo de Valentina de Lucena. Ao que consta, a entrada para o jornalismo ocorreu pelas mãos do tio, Luís de Almeida e Albuquerque, redator e depois, por alguns anos, proprietário do *Jornal do Commercio* (Lisboa, 1853).

Já a colaboração na imprensa brasileira iniciou-se em fevereiro de 1878, no homônimo *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro, 1827), então um dos mais importantes do Império, com texto remetido de Lisboa e datado de 26 de janeiro:

Venho hoje apresentar-me, pela primeira vez, revestida do honroso cargo de folhetinista do *Jornal do Commercio*, ao público brasileiro, a que me prendem, há tanto, laços de profunda simpatia, e principalmente às formosas leitoras fluminenses, que me não conhecem, e me receberão porventura com a desconfiança que nos inspira o que é para nós inteiramente novo

(Carvalho, 23/02/1878).

Observação que também poderia ser feita em relação à estreada, que tinha a missão de dirigir-se, sobretudo, às leitoras de país no qual nunca estivera e que conhecia pela mediação do marido. Maria Amália manteve longo vínculo com o matutino, fosse de forma mais direta, ainda que nunca com regularidade, entre 1878 e 1881 e, posteriormente, de 1892 a 1897, ao que se devem crescer colaborações esparsas pelo menos até 1915.¹

Em 1883, quando esperava o seu terceiro filho, Gonçalves Crespo faleceu. A essa perda sobreveio a do menino recém-nascido. Viúva e com duas crianças, o trabalho intelectual tornou-se essencial para a manutenção da família. Suas colaborações preenchiam as páginas dos magazines ilustrados e de variedades, que procuravam alcançar público amplo e diversificado, e das folhas diárias, que também se preocupavam em reservar espaço para os temas femininos. Polígrafa versátil, Dona Maria Amália, como era chamada pelos intelectuais e escritores que frequentavam o seu afamado salão da Travessa de Santa Catarina, respondia por traduções, escrevia poemas, contos, ensaios, biografias, crítica literária, além de aconselhar fosse sobre o casamento, a educação de meninos e meninas, a situação e a condição feminina, temáticas perscrutadas sob os mais diversos ângulos, num momento em que os nascentes movimentos em prol da conquista de direitos de cidadania colocavam a questão na ordem do dia.

Seu prestígio e a rede de sociabilidade na qual se inseria evidenciam-se no índice do livro *Um feixe de penas* (1885), que organizou em prol de asilo para raparigas abandonadas. A fina flor da intelectualidade portuguesa se fez presente em mais de quatro dezenas de textos, dos quais apenas dois foram assinados por mulheres, um de Maria Amália e outro de Amélia Janny. A “romeira da caridade” declarou que solicitou ajuda “a muitos dos mais

¹ A respeito da colaboração da autora com o *Jornal do Commercio* e, mais especificamente sua produção ficcional aí publicada entre 1878 e 1880, consultar Reis, 2012.

formosos espíritos, das mais robustas individualidades literárias, dos pensadores mais sinceros e mais convencidos, dos mais finos e delicados cultores da poesia”, que, não raro, remeteram suas contribuições acompanhadas de cartas e/ou bilhetes com muitos elogios à organizadora (Carvalho, 1885, p. III).² A empreitada evidenciou o respeito granjeado num campo intelectual avesso à presença feminina, o que, na chave proposta por Pierre Bourdieu, convida a refletir acerca das circunstâncias e estratégias que permitiram-lhe ocupar o espaço público e se impor como mulher de letras (Bourdieu 1996).³ Montante significativo do que Maria Amália estampava nos periódicos era recolhido em volumes, prática, aliás, bastante disseminada na época. Abre-se um instigante campo de pesquisa sobre a passagem do jornal ao livro, pois é bem sabido que o suporte está longe de ser um elemento neutro.⁴ Assim, eventuais significados adquiridos em função da posição do texto na geografia espacial do jornal ou revista alteram-se quando o mesmo passa a integrar um novo conjunto. Há, por parte do autor ou do organizador do volume, um processo de seleção, ordenação e eventuais alterações no conteúdo, que agora se apresenta ao leitor envolto por elementos paratextuais (peritextos e epitextos), que lhes conferem outros sentidos (Genette, 2009), questão que obviamente não diz respeito apenas à produção da autora em tela.

Está bem assente o papel fundamental desempenhado pela imprensa periódica no processo de profissionalização da atividade intelectual, então em curso. Os escritores (e as poucas escritoras) garantiam pelo menos parte de sua existência graças às colaborações para jornais e revistas, ao que se somava a fama adquirida junto aos leitores.⁵ As empresas, por seu turno, eram recompensadas com o prestígio de exhibir cronistas célebres, ao mesmo tempo em que fidelizavam os assinantes, interessados em acompanhar as rubricas. Tratava-se, portanto, de via de mão dupla, na qual os ganhos eram compartilhados num circuito de enobrecimento

constantemente retroalimentado.

Nesse mundo, domínio quase exclusivamente masculino, Maria Amália foi uma das poucas mulheres que conseguiu tornar-se profissional das letras no contexto português e brasileiro, reconhecida como autoridade quando o tema era universo feminino, convivência social, educação, comportamento, princípios morais e religiosos. Note-se que as virtudes que pregava tornaram-se atributos de sua própria trajetória, elevada à exemplaridade. A origem aristocrática, a cultura enciclopédica, a esposa e mãe devotadas eram aspectos destacados pelos contemporâneos, como atestam, por exemplo, os prefácios de suas obras. Nas palavras de Ramalho Ortigão, em carta que acompanha *Crônicas de Valentina* (1890), a autora foi caracterizada como filha heroica, esposa exemplar e mãe sublime, que “escreve para a imprensa com a mesma humildade com que outras mulheres fazem meias ou fiam na roca para ganhar honradamente e obscuramente a sua vida” (Ortigão, 1890, p. XVI).

Não foi diversa a ênfase de Augusto de Castro no discurso que proferiu na Academia de Ciências de Lisboa quando do cinquentenário da publicação do primeiro livro de Maria Amália, datado de 1867. Após exaltar sua vasta e diversificada produção, também insistiu na tecla da humildade – “nunca precisou de sair da penumbra discreta e florida do seu salão” – ou seja, reafirmava-se, pela via do elogio, o papel subalterno e discreto da homenageada, que sabia portar-se com a discrição apropriada à sua condição. Castro louvou a figura senhoril, o meio aristocrático de que provinha, as predileções morais, a sensibilidade e a educação para concluir que “a alta e nobre senhora nunca deixou, por esse fato, de ser em tudo o que constitui a emotividade, a doçura, a simplicidade, o protótipo perfeito da mulher portuguesa” (Castro, 1923, p. 10).⁶ O escritor e diplomata esboçou curiosa tipologia que distinguia entre escritoras-homens, que assumiam postura masculinizada; escritoras-mulheres, que abandonavam os recatos e pudores típicos do seu sexo, e, por fim, as

² A iniciativa foi comentada em Carvalho, 08/05/1885.

³ Para as origens da noção de letrado, consultar Chartier, 1997.

⁴ Veja-se o clássico estudo de McKenzie, 2018.

⁵ A respeito ver Thérenty, 2007.

⁶ O discurso foi incluído na quarta edição de *Cartas a uma noiva* cuja primeira edição é de 1891. Maria Amália foi a primeira mulher a tornar-se membro da Academia de Ciências de Lisboa.

escritoras-senhoras, à qual pertencia D. Maria Amália. A respeitabilidade conquistada parecia provir mais da reputação ilibada, recato e devotado desempenho de funções inerentes à condição de mulher do que de dotes intelectuais, configurando critérios bastante diversos dos requeridos e aplicados para os escritores.

Entre 1884 e 1889, quando voltou a colaborar regularmente com um jornal do Rio de Janeiro, Maria Amália já se constituía em nome consagrado no campo literário, quiçá justamente por conseguir equilibrar atuação no espaço público como escritora, o que, em princípio, era interdito ao seu gênero, respeito às convenções sociais na vida pessoal e, não menos importante, escolha de temáticas e abordagens que, sem deixar de tensionar a ordem estabelecida, o fazia dentro de limites aceitáveis, circunstâncias que acabaram por lhe conferir prestígio e livre acesso à grande imprensa dos dois lados do Atlântico.

Enquanto ocupou o cargo de cronista em *O Paiz*, ela lançou *Cartas a Luiza (moral, educação, costumes)* (1886), *Alguns homens do meu tempo* (1889) e *Crônicas de Valentina*, editado em 1890, com prólogo de Ramalho Ortigão datado de outubro de 1889, indício de

que a preparação do volume ocorrera no ano anterior, quando ainda colaborava com o jornal brasileiro ou imediatamente após afastar-se do mesmo. Nas décadas seguintes, sua produção continuou a crescer, com a edição de mais de uma dezena de títulos.⁷

A despeito de escrever sobre uma miríade de assuntos, a fortuna crítica acerca da autora tem privilegiado, sobretudo, obras de tom moralizador e doutrinário, a exemplo dos já citados *Mulheres e crianças*, *Cartas a Luiza* e *Cartas a uma noiva* ou *A arte de viver na sociedade* (1895). Não há dúvidas de que Maria Amália não se perfilou ao lado do feminismo militante, que clamava por direitos políticos e igualdade de oportunidades, entretanto, tampouco se pode negar que ela se bateu pelo direito à educação e valorização do papel social, cultural e intelectual da mulher, numa vertente bastante cuidadosa, que estava longe de afrontar protocolos então consagrados, tanto que repetidamente aconselhava submissão, conformismo e estoica resignação. É comum confrontá-la com outras escritoras que, a despeito de serem mais jovens, foram suas contemporâneas, caso da brasileira Julia Lopes de Almeida (1862-1935) e da portuguesa Ana Castro Osório (1872-1935).⁸

2. Maria Amália e *O Paiz*

A escritora portuguesa compareceu nos primeiros números de *O Paiz*, matutino fundado pelo brasileiro João José dos Reis Júnior (1846-1922), um negociante bem-sucedido que ostentava os títulos de segundo visconde e conde de São Salvador de Matozinhos, concedidos ao seu pai pela monarquia portuguesa. Há significativa confusão entre esses dois personagens e não é raro que se atribua ao português João José dos Reis (1820-1888) a fundação do periódico. A edição inaugural circulou em primeiro de

outubro de 1884, numa conjuntura marcada por intensa agitação política, com a multiplicação de atritos entre o exército e a monarquia e o crescimento de um amplo movimento social antiescravista, que propunha ações efetivas por meio do incentivo à fuga e à desobediência à ordem estabelecida. Poucos meses antes do lançamento do jornal, em 25 de março de 1884, o Ceará tomou a dianteira e decretou a abolição do regime. O novo periódico, com quatro páginas, como era a praxe na época, tinha sua redação instalada na

⁷ Várias de suas obras tiveram edições sucessivas, sem mencionar o ano da primeira, o que torna difícil estabelecer uma cronologia precisa. Esse é o caso, por exemplo, de *Contos para os nossos filhos*, organizado com Crespo. A maioria das referências indica o ano de 1886, ou seja, posterior à morte do marido, outras fontes mencionam 1882. Listagem não exaustiva e tampouco destituída de enganos encontra-se em Figueiredo,

1918, pp. 55-59. Ver também *Escritoras: Women Writers in Portuguese before 1900*, <http://www.escritoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Maria-Amalia-Vaz-de-Carvalho>.

⁸ Ver, por exemplo Abrantes, 2010; Belline, 1999; Garzoni, 2013; e Silva, 1983.

rua do Ouvidor n. 63, então a mais famosa da capital do Império, que também abrigava os seus principais concorrentes: o *Jornal do Commercio*, em circulação desde 1827, a *Gazeta de Notícias*, fundada em 1875, e o *Diário de Notícias*, lançado em junho de 1885, meses depois de *O Paiz*. Vê-se, portanto, que a folha tinha que se ombrear com diversas outras, o que instou seus responsáveis a colocar em prática estratégias capazes de particularizá-la e atrair a atenção do público leitor.

De início, a direção esteve sob a responsabilidade de Rui Barbosa, que permaneceu no cargo por breve período, tendo sido logo substituído por Quintino Bocaiúva, a quem coube, por anos a fio, responder pelos rumos do jornal. Abolicionista desde o lançamento, mostrou-se cauteloso nas críticas ao regime monárquico, a despeito de ter à frente Bocaiúva, republicano dos mais destacados. *O Paiz* insistia em declarar-se neutro e independente em relação a partidos, o que não o impedia de tratar de assuntos políticos, predominantes em suas páginas. Análise atenta do conteúdo permitiu relativizar a suposta imparcialidade, mais declarada que efetiva.⁹ O constante aumento da tiragem, de início na casa dos 11 mil exemplares, chegou a 30.600 em 1889, o que levou o periódico a adotar o seguinte slogan, impresso no seu cabeçalho entre 1888 e 1895: “*O Paiz* é a folha de maior circulação na América do Sul”.

A despeito de seus editores privilegiarem a política local, eles não descuidavam das notícias internacionais, afinal, o país estava conectado à Europa, via cabo submarino, desde 1874, o que assegurava fluxo regular de informações, proveniente de agências de notícias, circunstância que selou o compromisso dos diários com as últimas novidades e justificava a manutenção de correspondentes nas principais capitais

européias e em diferentes regiões do país.

Outro aspecto importante para o sucesso das folhas dizia respeito às colunas, assinadas por escritores consagrados, cuidadosamente selecionados. Dentre os nomes frequentes nos jornais do Rio de Janeiro estavam, ao lado dos escritores brasileiros, diversos autores portugueses, que comentavam o cenário político e cultural europeu. A *Gazeta de Notícias*, um dos matutinos mais importantes do país nas décadas de 1880 e 1890, teve entre seus colaboradores Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis e Mariano Pina.¹⁰ Não admira que, em seu terceiro número, *O Paiz* se dirigisse aos leitores nos seguintes termos:

Inserimos hoje em nossas colunas o primeiro artigo da série, que nos prometeu o ilustre escritor português, conselheiro Manoel Pinheiro Chagas, nosso auxiliar em Lisboa. Os nossos leitores darão o devido valor ao escrito do notável estilista, que tão grande nome conquistou nas letras. Temos também o concurso valioso da Exma. Sra. D. Maria Amália Vaz de Carvalho e dos Srs. Antônio Ennes, Gervásio Lobato e Cristóvão Aires, penas amestradas e que serão assíduos em remeter-nos os seus trabalhos. A correspondência particular para *O Paiz* é, de Portugal, escrita pelo distinto jornalista Jaime Vitor. Convidando para honrar estas colunas a tantos e tão estimados escritores, acreditamos que fica patente o nosso esforço para bem servir ao público (*O Paiz*, 03/10/1884).¹¹

A nota indica que o lançamento do jornal fora cuidadosamente preparado, tanto que os colaboradores estrangeiros já estavam assegurados: Pinheiro Chagas estreou em três de outubro e Maria Amália pouco depois, no dia seis. Sua produção compartilhava espaço com

⁹ Sobre a posição do jornal em seus primeiros anos de existência, consultar Pessanha, 2006.

¹⁰ Para detalhes sobre a presença de autores portugueses na *Gazeta de Notícias*, consultar Miné, 2005.

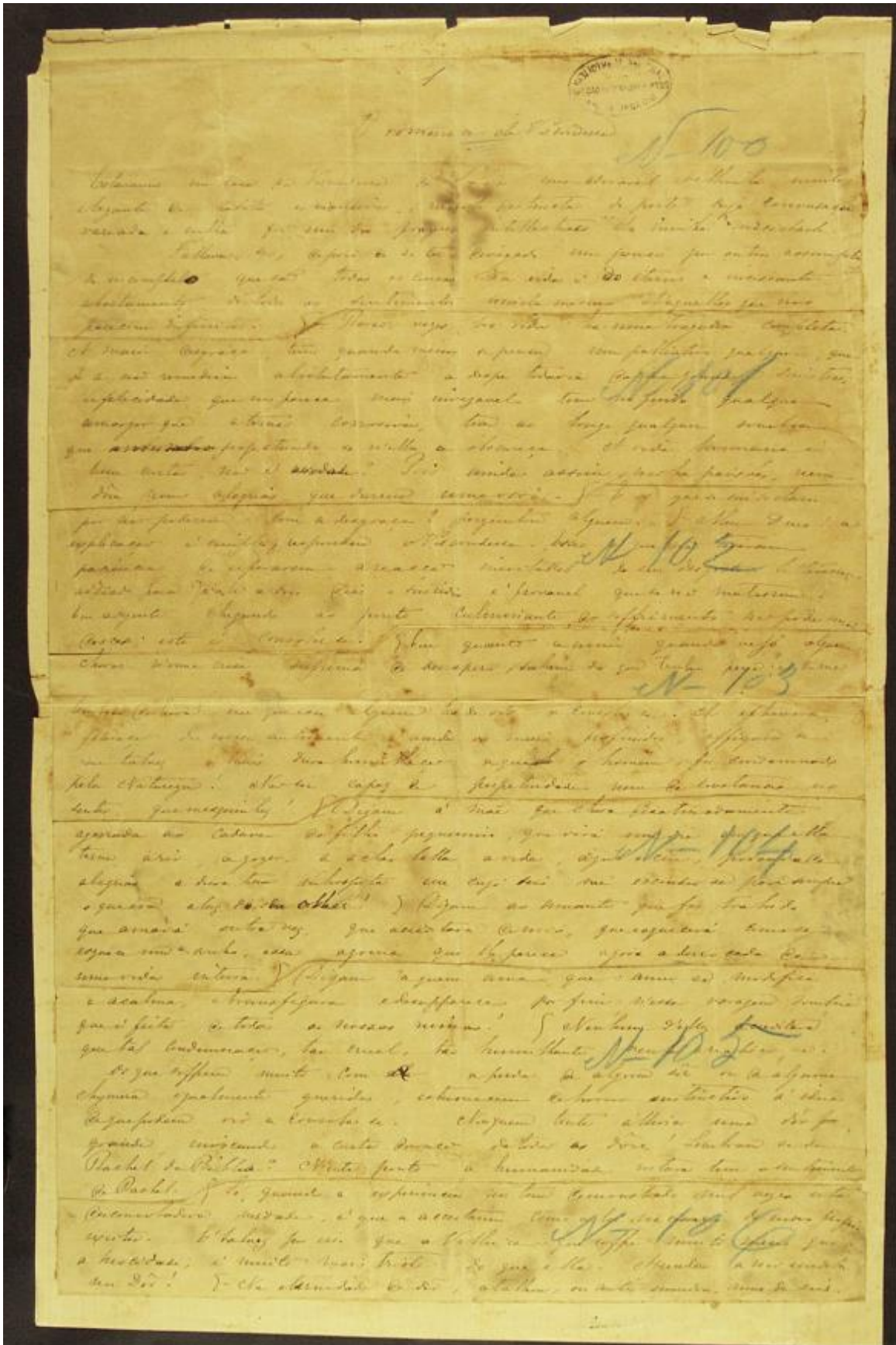
¹¹ A prática de contar com colaboradores estrangeiros seguiu inalterada depois de 1891, momento em que o jornal mudou de mãos e transformou-se numa sociedade anônima.

outras mulheres, como Júlia Lopes de Almeida e Délia, e políticos brasileiros de grande prestígio, a exemplo de Quintino Bocaiúva e Joaquim Nabuco, que, como explica José Murilo de Carvalho, “tinham nela [a imprensa] a sua mais importante tribuna”, pois o parlamento brasileiro só funcionava regularmente de maio a agosto. “Nos oito meses restantes, a comunicação com os eleitores e com o público em geral se dava pelos jornais” (Carvalho, 2013, 13). De Portugal escreviam Pinheiro Chaves e Maria Amália e da Inglaterra Joaquim Nabuco, que atuavam como correspondentes da folha, colaborações por meio das quais o leitor brasileiro se mantinha informado sobre os últimos acontecimentos do mundo e mesmo passava a conhecer regiões

remotas do planeta e detalhes da atualidade e da história europeia, tudo isso numa velocidade e intensidade somente possíveis graças às comunicações, via cabo telegráfico submarino, com o velho continente.

Ao contrário das notícias e notas curtas que atravessavam o Atlântico quase que instantaneamente via cabo submarino, os textos dos correspondentes eram remetidos manuscritos por navio. Os dois manuscritos de Maria Amália – “O romance da viscondessa” e “Conversações Lisboenses. A Imaginação” –, pertencentes ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional, atestam que os textos eram enviados para o Rio de Janeiro e compostos nas oficinas de *O Paiz* (ver Figura 1).

Figura 1 - Manuscrito autógrafo de "O romance da Viscondessa I", com anotações não-autógrafas, provavelmente marcações tipográficas, a lápis azul. Fôlho 1 de quatro fôlios, correspondente à colaboração de Maria Amália publicada em O Paiz, 24/11/1884, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional.



Enquanto Joaquim Nabuco trazia para o jornal os debates políticos do momento, a colaboração de Maria Amália e das outras escritoras pode ser entendida como chamariz para o público feminino. A correspondente portuguesa contava com coluna que lhe era inteiramente dedicada, sob responsabilidade de nome conhecido do público local, uma vez que Maria Amália, cujos ideais estavam em sintonia com os abraçados pela elite dominante, já ocupara, entre 1878 e 1881, as páginas do *Jornal do Commercio*, o mais antigo em circulação na capital do Império e um dos mais importantes do país. É preciso levar em conta a importância do intercâmbio entre Portugal e o Brasil, sobretudo em vista do peso do mercado brasileiro para o mundo editorial português, aspecto que a própria Maria Amália fez questão de frisar:

Em curtos anos de vida *O Paiz* atingiu um grau de vulgarização e de prosperidade, tão alto e tão excepcional, que escrever aqui é ter a certeza de ser lido por milhares de pessoas. Ora, não pode haver maior felicidade para o escritor cômico da sua delicada missão, para o escritor que não faz arte pela arte, mas tem a justa ambição de semear na terra algum bem, do que a ideia reconfortante e fecunda de que é apreciado, criticado, compreendido por um grande número de entendimentos, mais ou menos simpáticos, mais ou menos abertos a todas as curiosidades e a todas as impressões (...). Para os portugueses, que são fatalmente condenados a um público limitadíssimo, escrever para o Brasil é a grande ambição e o grande privilégio. Ao menos assim sabemos que somos

ouvidos (Carvalho, 11/04/1887).

Se é fato que, nos dois países, a taxa de analfabetismo atingia patamares semelhantes, a superioridade numérica da população brasileira justificava o interesse em ter as obras distribuídas deste lado do Atlântico. A presença regular em jornais do então Império trazia vantagens imediatas, em termos financeiros e de divulgação do nome, além de outras de médio prazo, tendo em vista a conquista de leitores para os livros já lançados ou para os que ainda viriam a público. Na primeira colaboração, Maria Amália, que já não era desconhecida do público brasileiro, fez questão de detalhar as razões de sua presença nas páginas do novo periódico:

O fundador do *Paiz* (...) teve uma ideia generosa e rara, pela qual as minhas queridas leitoras – levando-lhe em conta pelo menos a intenção – não podem deixar de ser-lhe gratas. Pensou ele que as mulheres, às quais, por enquanto, tantas questões de alta importância se conservam estranhas, e que pouco ou nada se ocupam de política ou de comércio, de indústria ou de finanças, de diplomacia ou de ciência, gostariam de achar nas colunas deste novo jornal brasileiro um cantinho que fosse só delas, que lhes fosse exclusivamente destinado, e onde elas encontrassem, discutidas, analisadas, ou mesmo simplesmente notadas de passagem, as coisas que mais particularmente lhes atraíssem a atenção. Para conversar com senhoras, pensou ele e com razão que o mais acertado seria procurar uma pessoa do mesmo sexo (Carvalho, 06/10/1884).

A cronista manteve-se fiel à missão que lhe foi designada, tanto que fazia questão de entabular diálogo com as destinatárias, frequentemente evocadas como “querida(s) leitora(s)”. Dirigia perguntas ao seu público – “não sei se alguma vez já lhes falei...”, “sabes quem é ...”; antecipava reações: “A leitora neste ponto para, um pouco surpresa e um pouco triste, não é verdade? E pergunta-me espantada: Pois quê?! Tem esta opinião...”; ou reafirmava os objetivos das longas palestras, “quase que exclusivamente consagradas aos interesses morais, sentimentais, intelectuais do sexo a que ambas pertencemos”. Evidencia-se, pois, a estratégia de adotar tom coloquial, de quem aconselha e ensina, num esforço para estabelecer laços de confiança, afetividade e proximidade, objetivos explicitados já na crônica inaugural:

É este o cantinho da sala, ou antes, é este o *boudoir* discreto, perfumado, cheio de plantas verdes, em que fazendo rancho à parte, nós conversamos à meia voz a respeito de arte, de literatura, de moral, de costumes sociais, a respeito da educação dos nossos filhos, ou do governo das nossas casas, a respeito de mil assuntos enfim, sérios e frívolos, graves ou amenos, que nos são gratos, e que de boa-fé tentaremos que nos sejam úteis (Carvalho, 06/10/1884).

Na diagramação de *O Paiz*, os textos dos cronistas eram antecedidos pelo termo colaboração, em negrito e letras maiúsculas, seguidos pelo nome da coluna, prática igualmente válida para Maria Amália. As séries que ela assinou poderiam trazer apenas o título, por vezes seguido de subtítulo específico ou de resumo dos assuntos tratados, cabendo destacar que as mesmas não eram impressas

no *bas de page*, ou seja, no espaço destinado ao folhetim, antes figuravam na primeira ou segunda páginas, ladeadas por conteúdos diversificados. Suas colaborações não tinham periodicidade constante: por vezes compareciam com pequeno intervalo, outras espaçadas por larga temporalidade. Ausências mais prolongadas eram justificadas quando da retomada da seção, o que ocorreu, por exemplo, em 09 de dezembro de 1885: “Há quanto tempo que eu não te apareço, minha querida leitora. A doença, a pertinaz doença antipática, paralisadora de todas as faculdades afetivas e mentais, tem-me trazido, bem contra a minha vontade, afastada de ti!” (Carvalho, 09/12/1885). A colaboração anterior datou de 23/10/1885. O afastamento mais pronunciado foi registrado entre 13/06/1886 e 11/04/1887, momento em que a cronista, sem maiores explicações, limitou-se a declarar sua satisfação em retomar suas atividades.

Dividindo-se o montante de contribuições num dado ano pelo número de meses nos quais as mesmas figuraram, obtém-se média sempre inferior a quatro (ver Tabela n. 1).

No que respeita à denominação, apenas a partir de 1887 houve referência explícita às leitoras (“Cartas femininas”), o que não era o caso da até então predominante “Conversas Lisbonenses”, logo rebatizada de “Conversações Lisbonenses”, que enfatizava o espaço geográfico. “Cartas a Luiza” e “O romance da viscondessa” receberam títulos diferentes por serem textos mais longos e independentes. Foram divididos em quatro e três fascículos, respectivamente, e tinham em vista, muito provavelmente, a republicação em volumes, como atesta a edição em livro de *Cartas a Luiza* (1886). O título da coluna de Maria Amália também se ajustou aos seus deslocamentos entre a cidade e o campo, passando a se chamar “Cartas do campo” no período em que a escritora se afastou de Lisboa:

Querida leitora — Continuar a chamar Conversações Lisbonenses às cartas que eu te escrevo, preguiçosamente deitada à sombra de uma grande árvore, vendo ao perto espreguiçarem-se pelo areal reluzente as águas límpidas e sinuosas do Mondego, parece-me realmente é faltar à verdade, um pouco mais do que o permitem as liberdades da prosa! Consente-me pois que eu, até ao inverno, batize o nosso despretenso cavaco com o título de Cartas do campo (Carvalho, 21/08/1885).

A publicação das “Cartas femininas” encerrou-se em 14 de junho de 1889, sem despedida formal da autora.¹² As três colaborações subsequentes, duas em agosto e uma em setembro, já não integravam a série, constituindo-se em contributos isolados, como atestam os seus títulos.

A recolha das crônicas foi realizada a partir da Hemeroteca Digital Brasileira, cabendo esclarecer que a instituição não permite acesso ao suporte papel de material disponibilizado em seu sítio. Além disso, boa parte do levantamento e transcrição dos textos foi realizado durante a pandemia do Covid-19, o que impossibilitou a consulta física de outras coleções do jornal. O recurso à pesquisa por palavras chave mostrou-se pouco eficaz, tendo em vista os poucos resultados alcançados por essa via, seja em função das limitações inerentes ao programa que converte imagem em texto, da qualidade da impressão original, das marcas da passagem do tempo, que resultaram em páginas mutiladas ou ilegíveis, e

mesmo da qualidade da digitalização realizada. Assim, para inventariar as publicações de Maria Amália, foi necessário percorrer todos os exemplares, página por página, ao que se soma o trabalho de transcrição, correção de gralhas tipográficas e atualização da ortografia, tarefas que demandaram significativo esforço. Em várias ocasiões foi necessário recorrer às republicações dos textos em volumes, adquiridos em sebos ou disponíveis em formato eletrônico, para corrigir e esclarecer palavras e trechos ilegíveis, como foi o caso das crônicas sobre George Sand e Charles Darwin, republicadas em *Alguns homens do meu tempo* e *Crônicas de Valentina*, respectivamente.

A Tabela n. 1 apresenta o material localizado. Alerta-se que, a despeito da intenção de exaustividade, não se pode descartar a hipótese de existirem outras ocorrências, seja por terem passado despercebidas ou em função das condições da coleção no suporte papel ou na sua representação digital. A representação digital é, de fato, muito útil, não só porque permite acesso remoto a impressos e manuscritos raros, mas também porque colabora para a sua conservação, uma vez que os preserva do manuseio frequente e garante, pelo menos, a sobrevivência da sua representação digital no caso de eventuais problemas de conservação derivados de incêndios de acervos patrimoniais que, infelizmente, vêm se tornando cada vez mais frequentes no Brasil. Entretanto, é preciso estar consciente acerca da diferença e da relação entre o documento físico e sua representação. A reprodução digital simplifica o documento: não captura todos os ângulos do impresso, o que inevitavelmente implica em perda de alguma informação (Silva, 2019).

Tabela 1: Títulos das crônicas, localização no jornal, totais e média mensal

¹² Anos depois, a autora adotou atitude diversa. Em 1897, quando novamente colaborava com o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, ela fez questão de atribuir o afastamento a causas estranhas à sua vontade, sem entrar em

maiores detalhes. Agradeceu os leitores e confessou: “Tenho saudades destas cartas que me vão faltar, tenho saudades deste trabalho a que me afeiçoei e ao qual dei tão longamente o melhor da minha vida intelectual” (Carvalho, 06/08/1897).

Número	Título	Data	Edição do jornal	Página de referência	Dia da semana	Total	Média por mês
1884, ano 1						10	3,3
1	Conversas lisbonenses	6/10/1884	6	1	segunda-feira		
2	Conversas lisbonenses	15/10/1884	15	01, 02	quarta-feira		
3	Conversas lisbonenses	22/10/1884	22	2	quarta-feira		
4	Cartas a Luiza I	30/10/1884	30	2	quinta-feira		
5	O romance da viscondessa	24/11/1884	55	2	segunda-feira		
6	O romance da viscondessa (Continuação)	27/11/1884	58	2	quinta-feira		
7	O romance da viscondessa (Conclusão)	3/12/1884	64	2	quarta-feira		
8	Cartas a Luiza II	22/12/1884	83	2	segunda-feira		
9	Conversas lisbonenses - As "miniaturas" de Gonçalves Crespo	30/12/1884	91	2	terça-feira		
10	Conversas lisbonenses - As "miniaturas" de Gonçalves Crespo (Conclusão)	31/12/1884	92	2	quarta-feira		
1885, ano 2						29	2,4
11	Cartas a Luiza III - Ida para o colégio	13/01/1885	12	2, 3	terça-feira		
12	Conversações Lisbonenses - A propósito de um livro. <i>O mistério da estrada de Sintra</i>	03/02/1885	33	2	terça-feira		
13	Cartas a Luiza IV	11/02/1885	41	2	quarta-feira		
14	Conversações Lisbonenses	17/02/1885	47	2	terça-feira		
15	Conversações Lisbonenses	28/02/1885	58	2	sábado		
16	Conversações Lisbonenses	26/03/1885	84	2, 3	quinta-feira		
17	Conversações Lisbonenses	01/04/1885	90	2	quarta-feira		
18	Conversações Lisbonenses - As crises do casamento - Problemas insolúveis - atenuantes possíveis	04/04/1885	93	2	sábado		
19	Conversações Lisbonenses	22/04/1885	110	2	quarta-feira		
20	Conversações Lisbonenses	28/04/1885	116	2	terça-feira		
21	Conversações Lisbonenses	08/05/1885	126	2	sexta-feira		
22	Conversações Lisbonenses - A imaginação	15/05/1885	133	2	sexta-feira		
23	Conversações Lisbonenses - As escolas móveis pelo método de João de Deus	01/06/1885	150	2	segunda-feira		

24	Victor Hugo I - O homem	26/06/1885	175	2	sexta-feira
25	Conversações Lisboenses - George Sand, vista à luz da sua correspondência I	12/07/1885	191	2	domingo
26	Conversações Lisboenses - George Sand, vista à luz da sua correspondência II (Continuação)	13/07/1885	192	2	segunda-feira
27	Conversações Lisboenses	19/07/1885	198	3	domingo
28	Conversações Lisboenses	02/08/1885	212	2	domingo
29	Conversações Lisboenses	07/08/1885	217	2	sexta-feira
30	Cartas do campo I	21/08/1885	231	2	sexta-feira
31	Cartas do campo II	06/09/1885	247	3	domingo
32	Cartas do campo III	07/09/1885	248	2	segunda-feira
33	Cartas do campo IV	09/09/1885	250	2	quarta-feira
34	Cartas do campo V	21/09/1885	262	2, 3	segunda-feira
35	Cartas do campo VI	24/09/1885	265	2, 3	quinta-feira
36	Cartas do campo - <i>História da República Romana</i> por Oliveira Martins	18/10/1885	289	3	domingo
37	Cartas do campo - <i>História da República Romana</i> por Oliveira Martins (Conclusão)	21/10/1885	292	3	quarta-feira
38	Cartas do campo	23/10/1885	294	2	sexta-feira
39	Conversações Lisboenses	09/12/1885	341	2	quarta-feira
1886, ano 3					10 1,6
40	Conversações lisboenses - O poeta alemão H. Heine - <i>O Intermezzo</i>	04/01/1886	4	2	segunda-feira
41	Conversações lisboenses - A morte dos dois reis - D. Afonso e D. Fernando	21/01/1886	20	3	quinta-feira
42	Conversações lisboenses	27/01/1886	26	3	quarta-feira
43	Conversações lisboenses	23/02/1886	53	2, 3	terça-feira
44	Conversações lisboenses	11/03/1886	69	3	quinta-feira
45	Conversações lisboenses - O último romance de Feuillet	31/03/1886	89	2	quarta-feira
46	Conversações lisboenses II - O último romance de Feuillet	16/04/1886	105	2	sexta-feira

47	Conversações lisbonenses - O último romance de Feuillet III (Conclusão)	23/04/1886	112	2	sexta-feira	
48	Conversações lisbonenses - A propósito de Schopenhauer e dos seus sectários	26/05/1886	144	2, 3	quarta-feira	
49	Conversações lisbonenses - A propósito de Schopenhauer e dos seus sectários II	13/06/1886	162	3	domingo	
1887, ano 4					16	1,7
50	Cartas femininas - O conde de S. Salvador de Matosinhos	11/04/1887	918	2	segunda-feira	
51	Cartas femininas - Uma questão delicada	21/04/1887	928	2	quinta-feira	
52	Cartas femininas	18/05/1887	955	2, 3	quarta-feira	
53	Cartas femininas	05/07/1887	1003	2	terça-feira	
54	Cartas femininas	26/07/1887	1024	2, 3	terça-feira	
55	Cartas femininas	16/08/1887	1045	2	terça-feira	
56	Cartas femininas	24/08/1887	1053	2	quarta-feira	
57	Cartas femininas	19/09/1887	1079	2, 3	segunda-feira	
58	Cartas femininas	23/09/1887	1083	2	sexta-feira	
59	Cartas femininas	07/10/1887	1097	2	sexta-feira	
60	Cartas femininas	17/10/1887	1107	2, 3	segunda-feira	
61	Cartas femininas	03/11/1887	1124	2, 3	quinta-feira	
62	Cartas femininas	07/11/1887	1128	3	segunda-feira	
63	Cartas femininas	02/12/1887	1153	2, 3	sexta-feira	
64	Cartas femininas	13/12/1887	1164	3	terça-feira	
65	Cartas femininas	28/12/1887	1178	2	quarta-feira	
1888, ano 5					18	1,5
66	Cartas femininas	10/01/1888	1191	3	terça-feira	
67	Cartas femininas	15/02/1888	1227	3	quarta-feira	
68	Cartas femininas	05/03/1888	1246	2, 3	segunda-feira	
69	Cartas femininas	21/03/1888	1262	2, 3	quarta-feira	
70	Cartas femininas	14/05/1888	1316	2, 3	segunda-feira	
71	Cartas femininas	27/05/1888	Suplemento ao 1328	1	domingo	
72	Cartas femininas	03/06/1888	Suplemento ao 1335	1	domingo	
73	Cartas femininas - O Imperador Frederico	23/07/1888	1385	2	segunda-feira	
74	Cartas femininas - Alexandro Herculano	31/07/1888	1393	2	terça-feira	
75	Cartas femininas - Liceus para raparigas	11/09/1888	1435	3	terça-feira	

76	Cartas femininas - Liceus para meninas II	13/09/1888	1437	2, 3	quarta-feira	
77	Cartas femininas - <i>L'immortel</i> - de Alphonse Daudet	01/10/1888	1455	3	segunda-feira	
78	Cartas femininas - <i>L'immortel</i> - de Alphonse Daudet (Continuação) II	08/10/1888	1462	3	segunda-feira	
79	Cartas femininas - A vida e a correspondência de um sábio	02/11/1888	1487	2	sexta-feira	
80	Cartas femininas - Vida e correspondência de um sábio II	22/11/1888	1507	2, 3	quinta-feira	
81	Cartas femininas	04/12/1888	1519	3	terça-feira	
82	Cartas femininas - Leitura para os moços	12/12/1888	1527	3	quarta-feira	
83	Cartas femininas	30/12/1888	1545	2	domingo	
1889, ano 6					15	1,25
84	Cartas femininas - O Brasil e a Europa	16/01/1889	1562	2	quarta-feira	
85	Cartas femininas - O nosso grupo de Leão e a sua exposição de pintura	05/02/1889	1582	2	terça-feira	
86	Cartas femininas - O busto de Santa Tereza pela Duquesa de Palmela	26/02/1889	1603	2	terça-feira	
87	Cartas femininas - A cegueira de Camilo Castelo Branco	14/03/1889	1619	3	quinta-feira	
88	Cartas femininas - O romance de um rapaz pobre	20/03/1889	1625	2	quarta-feira	
89	Cartas femininas - Os romancistas da Rússia	14/04/1889	1650	2, 3	domingo	
90	Cartas femininas - <i>O livro das soledades</i> . Ecos da Andaluzia I	18/04/1889	1654	3	quinta-feira	
91	Cartas femininas - <i>O livro das soledades</i> . Ecos da Andaluzia II	08/05/1889	1674	2	quarta-feira	
92	Cartas femininas - A <i>Revista de Portugal</i>	22/05/1889	1688	3	quarta-feira	
93	Cartas femininas - A propósito da França e da sua Exposição	14/06/1889	1711	3	sexta-feira	
94	Cartas femininas - A serra de Sintra	03/07/1889	1730	2,3	quarta-feira	
95	Cartas femininas - Os velhos	14/07/1889	1741	3	Domingo	
96	Coroação de Zorrilla	25/08/1889	1783	1	Domingo	
97	Íntimas	29/08/1889	1787	1	quinta-feira	
98	António Pedro	08/09/1889	1797	1	domingo	

Fonte - Elaborada pelas autoras

3. Maria Amália e o trabalho de mediação

O rol acima elencado abre múltiplas possibilidades de análise, algumas das quais serão aqui apontadas, sem pretensão de esgotá-las. Não resta dúvida de que a temática relativa ao feminino se constituiu no fio de Ariadne, não apenas dos textos de *O Paiz*, mas de toda a produção de Maria Amália, atravessada por tom pedagógico. A escolha dos assuntos e a forma de abordá-los tornaram-se passaportes fundamentais para sua afirmação enquanto profissional das letras, requisitada para além das fronteiras portuguesas, num momento em que convenções acerca dos papéis sociais do feminino e do masculino começavam a ser contestadas em termos diversos dos apregoados por Maria Amália, cujos posicionamentos distinguiam-se pela ausência de maior criticidade.

Das crônicas de *O Paiz*, sobressai a defesa da família, o papel de esposa e de mãe, os cuidados com a casa, as formas de se vestir e de se portar em sociedade, a educação dos filhos, com particular destaque para as jovens, a importância da honra e da moralidade, as leituras (in)adequadas, a submissão ao marido e a condenação do divórcio, que acabara de ser aprovado na França (1884). Veja-se, a título de exemplo, conselhos repisados em diferentes declinações:

É no interior da sua casa que a mulher se deixa mais facilmente estudar e conhecer. É conforme a atmosfera moral que ela criou em volta de si, que o crítico e o observador poderão discriminar o seu caráter e o seu modo de entender e de praticar a vida (...).

Se cada mulher tivesse por fato único, fazer da sua casa um ninho agradável, onde o marido se sentisse bem, e onde os filhos crescessem contentes! ... Parece muito, não é verdade? Pois é muito menos do que tudo que nós hoje tentamos. Limitar as nossas ambições a esta doce ambição de amor e de paz, seria talvez o meio único de tranquilizar as ondas agitadas e convulsas deste oceano, que é a alma moderna! (Carvalho, 19/07/1885)

A tão defendida educação feminina não dialogava com a emancipação, antes deveria inculcar a consciência dos altos deveres que a natureza e a sociedade impunham ao gênero. Nas suas palavras, só poderia “compreender e sujeitar-se à fatalidade das coisas, a que for educada, a que tiver retemperado o seu espírito, a que tiver fortalecido o seu entendimento, a que tiver a plena compreensão dos destinos da família” (Carvalho, 04/04/1885). Aceitação, submissão e apego à moral religiosa estavam entre os remédios constantemente receitados. Sua luta não incluía a “conquista absurda dos direitos políticos, à qual tudo nela recusa. Quero a mulher no interesse da sua casa, e só a quero aí; mas quero-a cõnscia do papel que tem a cumprir. Acho tão absurda e tão grotesca a mulher-deputado, como acharia a mulher-soldado e a mulher-sacerdote” (Carvalho, 15/10/1884).¹³

Tal leitura tinha como corolário o diálogo com as transformações que marcaram as décadas finais do Oitocentos. As inovações técnicas, os progressos científicos, as novidades no campo

¹³ O tema era recorrente, veja-se mais um exemplo: “(...) note-se que não satisfação nem uma só das aspirações da mulher emancipada, da mulher doutora. Que a mulher pense, que a mulher leia, que a mulher se interesse, que seja curiosa de tudo, acho racional, acho legítimo, mas lá que ela aspire à tal

transformação social que fará do homem costureiro e da mulher advogada, isso confesso que chega a exasperar-me. Dizem que o futuro há de ver essa mudança; nesse caso dou muitas graças a Deus de não ser futuro, visto que isso me dispensa de ter de a presenciar” (Carvalho, 18/05/1887).

dos transportes e das comunicações, a percepção da aceleração do tempo e do encolhimento do espaço, a invasão do cotidiano por artefatos que mediavam a leitura do mundo eram, a um tempo, motivo de admiração e orgulho, mas também de aflição frente às consequências sociais de um mundo cada vez mais laico e pautado na racionalidade. Maria Amália não se furtou a discutir essas questões, oscilando entre o orgulho de pertencer a um século que acumulava “descobrimientos feitos no intuito de melhorar o destino do homem, desde as mais humildes aplicações da indústria até às mais altas sínteses da filosofia!”, e o lamento: “quantas contradições hoje nos magoam! quantas deformidades morais nos entristecem, quantas incoerências nos desnorteiam, quantos contrastes entre o que se pensa e o que se pratica nos dilaceram o coração, nos entenebrece a consciência!...” (Carvalho, 26/03/1885).

Tensão que percorre suas reflexões, fossem sobre a mulher e a política, as personagens femininas presentes nos romances, a nevrose da vida moderna, sem nunca perder de vista o público a que se destinavam. Note-se que não se tratava de repetição enfadonha dos mesmos tópicos, ainda que o mote geral tenha permanecido, pelo menos nos textos de *O Paiz*, constante. As crônicas tratavam dos assuntos os mais diversos: produção literária, conjuntura política, assassinatos, livre arbítrio, determinismo, exposições e estreias teatrais, lançamentos editoriais, adultério, divórcio ou o pessimismo moderno, para ficar numa lista não exaustiva. Assim, o leitor deparava-se com textos relativos ao passamento de figuras ilustres, fossem do campo da cultura, como Vitor Hugo e o ator António Pedro, ou de cabeças coroadas, caso de D. Fernando, D. Alfonso e o Imperador Frederico; o jubileu da rainha Vitória; uma nova turnê de Sarah Bernhardt; perfis de intelectuais destacados, a exemplo dos portugueses Alexandre Herculano

e Camilo Castelo Branco ou do espanhol José Zorrilla y Moral, e, ainda, *faits-divers*, incêndios, terremotos e assassinatos.

Se, no mais das vezes, predominava o tom ensaístico, ela não deixou de recorrer à ficção na série intitulada “O romance da viscondessa” ou na quarta carta que dirigiu a Luiza. Para fundamentar sua argumentação, mobilizava referências literárias, pictóricas, musicais, teatrais, filosóficas, históricas, antropológicas, jurídicas, médicas, que evidenciavam sua vasta cultura, atualização e domínio da produção em diferentes áreas de saber. Desafio instigante, que escapa aos limites desse artigo, diz respeito à recolha sistemática de autores, obras e excertos citados, tendo em vista as remissões diversificadas de que se valia.

Suas habilidades de tradutora transpareciam em excertos dos poetas Gustavo Adolfo Bécquer, vertido do espanhol, e do alemão Heinrich Heine, lido a partir do francês. De Charles Darwin apresentou cartas recém divulgadas, sempre com o intuito declarado de conseguir acordar/despertar nas leitoras o desejo de ler/se familiarizar com os autores, mesma postura que transparece em crônica dedicada aos romancistas russos. Além de apresentar às leitoras brasileiras escritores já falecidos, como os acima citados, no universo de quase cem colaborações é possível identificar algumas dedicadas a comentar/resenhar livros específicos e que, não raro, tinham por subtítulo o nome da obra ou do autor, aspecto que, ao lado de suas traduções e profusão de citações, reforça seu papel de mediadora entre culturas muito próximas, mas, ainda assim, diversas.

Cabe perguntar, portanto, quais autores e obras ela decidiu apresentar, comentar, resenhar e que tipo de relação se pode estabelecer entre as temáticas que lhe eram caras e as escolhas que realizou, noutros termos, averiguar a partir de que perspectiva os livros foram apresentados ao público brasileiro.

É interessante notar que, a despeito de deter-se numa dada obra, Maria Amália nem sempre revelava preocupação de identificar a casa responsável pelo lançamento, data, local e número da edição. Assim, os dados apresentados na terceira coluna da Tabela n. 2 resultam de esforço para identificar os volumes que a autora teve em mãos. Trata-se de um

conjunto de 21 textos, alguns deles publicados em duas partes, possivelmente por indisponibilidade de espaço para abrigá-los por inteiro numa única edição. Assim, das 98 colaborações, 30 ocorrências (quase 31%) responderam aos critérios de seleção propostos.

Tabela 2 - Colaborações selecionadas

Nome da Coluna	Data(s)	Temáticas
1/2 Conversas Lisboenses	30-31/12/1884	Gonçalves Crespo. <i>Miniaturas</i> . Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1884. 1ª ed. 1870.
3 Conversações Lisboenses	03/02/1885	Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. <i>O mistério da estrada de Sintra</i> . 2ª ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1884. 1ª ed. 1870.
4/5 Conversações Lisboenses	12-13/07/1885	George Sand. <i>Correspondance 1812-1876</i> . Paris: Calmann Lévy, 1882-1884, 6 volumes.
6/7 Cartas do campo	09 e 21/09/1885	Jules de Goncourt. <i>Correspondance</i> . Paris: G. Charpentier, 1885.
8/9 Cartas do campo	18 e 21/10/1885	Oliveira Martins. <i>A História da República Romana</i> . Lisboa: Livraria Bertrand, 1885. 2 v.
10 Conversações lisboenses	04/01/1886	Heinrich Heine. <i>Intermezzo</i> . Tradução de Gerard Nerval, na <i>Revue des Deux Mondes</i> , 1848.
11/12/13 Conversações lisboenses	31/3 e 16-23/04/1886	Octave Feuillet. <i>La morte</i> . Paris: Calmann Lévy, 1886.
14 Cartas femininas	16/08/1887	Alexandre Dumas Filho. <i>Francillon</i> . Pièce en trois actes. Paris: Calmann Lévy, 1887.
15 Cartas femininas	07/10/1887	René Maizeroy. <i>L'adorée</i> . Les parisiennes. Paris: Victor-Havard, 1887.
16 Cartas femininas	07/11/1887	Gustave Flaubert. <i>Madame Bovary</i> . Paris Michel Lévy Frères, 1857.
17 Cartas femininas	13/12/1887	Paul Bourget. <i>Mensonges</i> . Paris: Alphonse Lemerre, 1887.
18 Cartas femininas	28/12/1887	Edmondo de Amicis. <i>Coração</i> . Livro pra rapazes. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1887.
19 Cartas femininas	15/02/1888	Alexandre Dumas Filho. <i>L'affaire Clémenceau</i> . Paris: Michel Lévy Frères 1866. Adaptação para teatro em 1887.
20/21 Cartas femininas	05 e 21 /03/1888	Aluísio Azevedo. <i>O Homem</i> . Rio de Janeiro: Tipografia de Adolfo de Castro e Silva & Cia, 1887.
22/23 Cartas femininas	01 e 08/10/1888	Alphonse Daudet. <i>L'Immortel</i> . Paris: Alphonse Lemerre, 1888.
24/25 Cartas femininas	02-22/11/1888	Francis Darwin. <i>The life and the letters of Charles Darwin</i> . London: John Murray, 1887.
26 Cartas femininas	04/12/1888	Luciano Cordeiro. <i>Soror Mariana</i> . A freira portuguesa. Lisboa, Ferin, 1888.
27 Cartas femininas	30/12/1888	<i>Obras poéticas e oratória de P. A. Correa Garção</i> . Introdução e notas de José Antonio de Azevedo Castro. Roma: Tipografia dos Irmãos Centenari, 1888.
28 Cartas femininas	20/03/1889	Octave Feuillet. <i>O romance de um jovem homem pobre</i> . 2ª ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1888. 1ª ed. em francês 1858, 1ª ed. em português 1865.
29/30 Cartas femininas	18/04 e 08/05/1889	José Fernandes Costa. <i>O Livro das Soledades</i> . Ecos da Andaluzia. Lisboa: Ferreira, 1889.
31 Cartas femininas	29/08/1889	Christovão Ayres. <i>Intimas</i> . 2ª ed. Lisboa: Tipografia do <i>Jornal do Commercio</i> , 1889. 1ª ed. 1885.

Fonte - Elaborada pelas autoras

Observando-se a terceira coluna, fica evidente o compromisso com as novidades do campo editorial, o que é compreensível tendo em vista o veículo no qual se inseria sua produção, cujo objetivo era colocar o leitor a par dos últimos acontecimentos, inclusive no âmbito da cultura. Ter o nome frequentemente estampado na capa de livros, nas páginas dos impressos periódicos ou nos cartazes dos espetáculos teatrais tornavam o letrado uma figura pública, cuja opinião era requisitada e apreciada. Não admira, portanto, que Maria Amália dedicasse parte do seu espaço em *O Paiz* para tratar do tema e que desse especial destaque às novidades no campo editorial, inclusive em sintonia com as opções do jornal. Assim, em 3 de julho de 1888, teve início a publicação de *O Imortal* no rodapé do matutino e Maria Amália não se furtou a analisar as estocadas de Daudet contra a Academia Francesa na sua colaboração.

Três das obras arroladas na Tabela n. 2 foram editadas em momentos anteriores à colaboração de Maria Amália em *O Paiz*: os versos de Heinrich Heine (1848), *Madame Bovary* (1857) e *L'affaire Clémenceau* (1866), cabendo notar que em 1877 a obra de Dumas Filho foi levada aos palcos franceses, o que a instigou a comentá-la. A atenção com que seguia os lançamentos no Hexágono evidenciava-se pelo fato de nove crônicas terem por mote volumes recém publicados em Paris, enquanto do mercado inglês apenas a correspondência de Darwin foi mencionada. Já em relação aos novos títulos em português, dois eram traduções, uma do italiano e outra do francês, enquanto oito traziam a assinatura de escritores lusófonos, sendo três reedições e cinco livros novos, entre os quais figurou um único literato brasileiro. Somente uma mulher, George Sand, integra a amostra, com volumes póstumos correspondência, quatro em 1882 e os dois últimos em 1884.

A Tabela n. 2 também evidencia a diversidade de gêneros textuais, pois Maria Amália

percorreu volumes de poesia, romance, biografia, correspondência e historiografia, o que testemunha, ainda uma vez, a amplitude dos seus interesses. É curioso notar que o rol inicia-se com *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo, e fecha-se com a segunda edição de *Íntimas*, conjunto de poesias de Christovão Ayres, casado com sua irmã, Maria do Carmo. É bem possível que se trate de mera coincidência pois, como ela mesma fez questão de declarar:

Nestas cartas, que não obedecem a plano algum antecipadamente feito, o em que eu, mais de que tudo, procuro interessar as minhas leitoras naqueles assuntos de moral e de arte em que o coração humano mais diretamente intervém porque arte e moral têm para nós mulheres o sentimento por base principal (Carvalho, 14/04/1889).

No caso dos autores portugueses, a poesia recebeu particular atenção, com os já citados Ayres e Crespo, além de Fernandes Costa, o setecentista Correia Garção, editado com notas do brasileiro Azevedo Castro, ao que se somam estudos de história de Oliveira Martins e de crítica literária de Luciano Cordeiro.

Parte significativa das resenhas/comentários guardava relação direta com os principais ditames que guiavam as séries de Maria Amália, o que lhe dava oportunidade de, a partir de produção contemporânea, ou mais longeva no tempo, argumentar (mais do que somente informar) em prol dos princípios, práticas sociais e juízos que defendia. Ela partia do princípio de que a literatura “é sempre o exato reflexo das tendências morais e sentimentais de uma dada época”, constatação que fornecia argumentos para condenar os excessos do romantismo e do naturalismo. Nem sensibilidade exagerada, nem aberrações, morbidades e patologias – “A mim parecem-me

tão pouco humanas as sílfides de Lamartine como as megeras de Zola”. E completava: “Nunca me poderei chegar a convencer que abrir as páginas de um livro corresponde a ir visitar um hospital; que folhear um romance me dará conhecimentos iguais aos que me daria a estatística do alcoolismo ou de outro qualquer de grandes vícios contemporâneos” (Carvalho, 03/02/1885).

Essa tomada de posição ajuda a compreender suas escolhas, pois é evidente a insistência em obras que colocavam no centro da cena personagens femininas, a começar pela Emma, de Flaubert, mas também Condessa W. e Carmem, de Eça e Ramalho, Magdá, de Aloísio Azevedo, Aliette e Sabina, de Octave Feuillet, Francillon e Iza, de Dumas Filho, Marthe, de René Maizeroy, e Madame de Moraines, de Paul Bourget, que ensejavam longas digressões sobre comportamento, caráter, educação, desamparo, casamento, adultério, fragilidades atávicas, infidelidades de várias ordens, num diálogo crítico com os romancistas, que caucionava sua percepção acerca da boa e da má literatura:

Onde é que estão os bons livros que ensinaram a lutar, a viver, a amar a vida; porque se amava nela principalmente as comoções sadias dessa luta moral, sempre disciplinadora e sempre nobre? O homem, à proporção que tem aprendido a domar as forças inconscientes da Natureza, parece que vai desaprendendo a ciência bem mais útil de se dominar a si mesmo. A inutilidade do esforço, a insanidade da vontade, o absurdo do heroísmo, a loucura do sacrifício, a subserviência fatal ao poder da Paixão — eis o que ressalta como lei inelutável dessa literatura debilitante que para tudo nos inutiliza (Carvalho,

07/10/1887).

Imbuída da missão de orientar e guiar, alertava as mães acerca dos grandes malefícios causados por livros inadequados, tanto que sentenciava: “Há quem diga que a leitura não tem influência decisiva numa vida. Sim, isso pode ser verdade, aplicado aos imbecis”. Contrapunha tudo o que “amolece, tudo que enerva, tudo que enfeitiça voluptuosamente a imaginação; é mau tudo que dá das coisas um aspecto falso, ou pior ou melhor de que elas realmente são”, ao que “prepara para a luta, para o esforço, para o exercício da vontade, tudo que retempera o ânimo, tudo que incita às nobres abnegações e aos altos sacrifícios” (Carvalho, 12/12/1888). Não admira que aplaudisse e recomendasse a versão portuguesa de *Cuori*, livro de Edmondo de Amicis.

A transformação do escritor e do cientista em personagens respeitados e constantemente citados na imprensa aguçava o interesse dos leitores por aspectos de sua vida pessoal, o que ajuda a compreender o entusiasmo “pelas correspondências, pelas memórias, pelas notas e observações colhidas dia a dia, por estas confissões involuntárias sem fito feito” (Carvalho, 12/07/1885) tal como apontado por Maria Amália, que não ficou imune à sedução exercida pelo gênero, tanto que se deteve na correspondência de Jules de Goncourt, George Sand e Charles Darwin. A trajetória do escritor francês, cuja morte o irmão atribuiu ao excesso de trabalho, deu margem a curiosa teoria acerca dos efeitos do trabalho intelectual:

Dizem que o cérebro moderno tem mais circunvoluções. Pudera! Se ele tem, por força, muitas mais ideias! Tem todas as que tinham os seus predecessores, e mais aquelas de que ele fez a aquisição por seu esforço próprio. Há uns requintes doentios, uma

eterezição mórbida, um excesso de atividade cerebral no homem da nossa geração, que foram inteiramente desconhecidos noutras épocas mais equilibradas e mais sadias. Os que estão acima do nível vulgar, os que pensam, produzem e criticam são todos um pouquinho histéricos. O sistema nervoso desconjuntou-se-lhes à força de o terem em contínua e dolorosa vibração. Daqui as oscilações e os desequilíbrios fatais de toda a máquina interna e externa também. (Carvalho, 09/09/1885).

Se a vida de Jules de Goncourt era exemplar pela tenacidade, esforço e luta contra a incompreensão dos contemporâneos, circunstâncias que o extenuam e acabaram por matá-lo, não era diversa, aos olhos da cronista, a trajetória de Darwin, retratado como um sábio de saúde frágil, marido amoroso e pai devotado, o que lhe permite relativizar o darwinismo social a partir do próprio exemplo do criador da seleção natural:

Ele que fisicamente é um fraco, pois que a doença não cessa de o torturar em longos anos de vida, vence à força de gênio, de perseverança, de trabalho, de intuição extraordinária dos mais misteriosos concorrentes nas lutas renhidas e apaixonadas da ciência. Não me resigno a deixar as leitoras decerto interessadas, sem mais algumas informações acerca deste livro admirável, e desta vida, que é ao mesmo tempo uma lição fecunda, um exemplo adorável, um espetáculo de alta e consoladora moralidade (Carvalho, 02/11/1888).

Essas vidas exemplares contrastavam com a trajetória da “pecadora” George Sand, que certamente não poderia figurar na lista edificante proposta por Maria Amália. Se a vida era um obstáculo intransponível, a absolvição só poderia vir por meio da obra, pois, como argumentava Maria Amália, “o gênio, porém, tem atenuantes excepcionais para os seus excepcionais desvarios!”. Desvarios que eram atribuídos a elementos atávicos, os mesmos que ela relativizava em outras circunstâncias. Assim, a “filha de ligação irregular”, que teve como exemplos uma “avó voltairiana e sem crenças” e uma “mãe plebeia, leviana, inteiramente ignorante”, acabou vítima de um casamento que a fez “quase escrava duma espécie de bruto, sempre ébrio, incuravelmente grosseiro” (Carvalho, 13/07/1885).

Ainda que nada disso fosse suficiente, segundo Maria Amália, para desculpar a vida íntima, eivada de fragilidades morais, era preciso separá-la da escritora, tendo em vista que era impossível não reconhecer as habilidades literárias e a capacidade intelectual de Sand. E as cartas, justamente por registrarem alegrias e dores cotidianas, ofereciam a chance de, se não apagar o que era interpretado como lamentável desvio, pelo menos matizar duro juízo, em face das lutas, revezes e mudanças que se afiguravam sinceras, pois, pelo menos em princípio, tinham por leitor apenas o destinatário.

A tabela 2 apresenta apenas uma parcela dos impressos que Maria Amália folheou, leu, citou ou simplesmente mencionou nesse conjunto de 98 textos recuperados de sua colaboração com *O Paiz*. A essas 21 obras para as quais a escritora dedicou uma resenha, somam-se poemas, contos esparsos, volumes completos, além de obras de arte, que ela comenta, analisa e recomenda para as leitoras brasileiras. Podemos dar como exemplo os contos “Kátia”, de Tolstói, e “Krótkaia”, de Dostoievski, cujos

enredos Maria Amália resume brevemente na crônica sobre os romancistas russos. Esses dois contos são, segundo a escritora, mais apropriados do que os romances para as leitoras brasileiras que quiserem se iniciar na literatura russa:

“É difícil aconselhar às leitoras que leiam os livros dos modernos escritores russos.

Em primeiro lugar os romances são todos enormes; depois em cada mil páginas há apenas cem que deem um prazer da inteligência, uma voluptuosidade literária sem mistura.

A desordem, inteiramente diversa de todos os moldes que nós conhecemos na França ou mesmo na Inglaterra, que caracteriza estes romances, não convida para que se demorem nela espíritos educados por outra escola” (Carvalho, 14/04/1889).

Além de os títulos das duas obras encontrarem-se parcialmente ilegíveis, uma dificuldade adicional para a sua identificação é o fato de a escritora utilizar traduções em francês disponíveis no século dezenove. Somente com a ajuda do especialista em literatura russa, Bruno Gomide, pudemos identificar os dois contos. “Kátia” é o nome que os primeiros tradutores franceses deram à novela “Felicidade conjugal”. “Krótkaia” foi traduzido de várias maneiras para o português: “A doce”, “Ela era doce e suave”, “Uma criatura gentil”, “A dócil” e “Uma criatura dócil”.¹⁴ Em uma outra crônica, Maria Amália recomenda os poemas do escritor espanhol Gustavo Bécquer, sem se referir a uma edição específica. A escritora compara Bécquer a Musset e Heine, reproduz alguns dos seus versos em espanhol – que o jornal, diga-se de passagem imprime com diversas gralhas – e os traduz para o português, cumprindo seu objetivo de divulgar, por vezes em primeira mão, a produção cultural europeia contemporânea para os os leitores do outros lado do Atlântico.

4. Conclusão

O presente artigo limitou-se a apresentar as crônicas dedicadas a resenhar obras específicas. Entretanto, o estudo do conjunto de sua colaboração para *O Paiz* revelou que o repertório de leituras e de citações de Maria Amália vai muito além dos volumes aqui comentados. Somente o índice onomástico geral, cuja produção está em curso e compõe-se, até o momento, de mais de uma centena de títulos e autores documentará de forma sistemática “*la rage de lire*” (“o furor da leitura”)

de Maria Amália, o seu conhecimento enciclopédico, a sua “*lecture extensive*” (“leitura extensiva”, Chartier, 1995, p. 274) de impressos numerosos e diversos. Portanto, as 98 crônicas de *O Paiz* são, por várias razões, um testemunho rico e talvez único da produção intelectual da mulher de letras do final do século dezenove enquanto leitora, pensadora e mediadora de conhecimento entre o Brasil e a Europa.

¹⁴ *Felicidade conjugal* (1859) foi traduzido por Boris Schnaiderman e publicado pela Editora 34 em 2010, e *Uma*

criatura dócil, por Fatima Bianchi, editado pela Cosac & Naify em 2003.

- Abrantes, E. S. (2010). Ana de Castro Osório: feminismo e a educação da mulher como dote simbólico [Ana de Castro Osório: feminism and women's education as a symbolic endowment]. *Fazendo Gênero* 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 1-9. http://www.fazendogenero.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=605
- Belline, M. H. C. (1999). Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas? [Júlia Lopes de Almeida and Maria Amália Vaz de Carvalho: female voices?]. *Via Atlântica*, 2, 42-56. <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48732>
- Bourdieu, P (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* [The rules of art: Genesis and structure of the literary field]. Companhia das Letras.
- Carvalho, M. A. V (06/08/1897). *Conversas Lisbonenses* [Lisbon conversations]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/57
- Carvalho, M. A. V (15/10/1884). *Conversas Lisbonenses* [Lisbon conversations]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/57
- Carvalho, M. A. V (1889). *Alguns homens do meu tempo: impressões literárias* [Some men of my time: literary impressions]. Tavares Cardoso & Irmão. <https://www.gutenberg.org/files/26338/26338-h/26338-h.htm>
- Carvalho, M. A. V. & Crespo, G. (1882). *Contos para os nossos filhos* [Tales for our children]. Editor Joaquim Antunes Leitão.
- Carvalho, M. A. V. (02/11/1888). *Cartas femininas* [Women's letters]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6121
- Carvalho, M. A. V. (03/02/1885). *Conversações Lisbonenses* [Lisbon conversations]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/508
- Carvalho, M. A. V. (04/04/1885). *Conversações lisbonenses* [Lisbon conversations]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/748
- Carvalho, M. A. V. (06/08/1897). *Os ingleses* [The English]. *Jornal do Commercio*, 77, (216), 1.
- Carvalho, M. A. V. (06/10/1884). *Conversas lisbonenses* [Lisbon conversations]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/21
- Carvalho, M. A. V. (07/10/1887). *Cartas femininas* [Women's letters]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/4509
- Carvalho, M. A. V. (08/05/1885). *Conversas Lisbonenses* [Lisbon conversations]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/880
- Carvalho, M. A. V. (09/09/1885). *Cartas do campo IV* [Letters from the countryside IV]. *O Paiz*. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1396

- Carvalho, M. A. V. (09/12/1885). Conversas lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1810
- Carvalho, M. A. V. (11/04/1887). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/3816
- Carvalho, M. A. V. (12/07/1885). Conversações Lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1140
- Carvalho, M. A. V. (12/12/1888). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6314
- Carvalho, M. A. V. (13/07/1885). Conversações Lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1146
- Carvalho, M. A. V. (14/04/1889). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6900
- Carvalho, M. A. V. (14/04/1889). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6900
- Carvalho, M. A. V. (18/05/1887). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/3964
- Carvalho, M. A. V. (1867). Uma primavera de mulher. Poema em quatro cantos precedido de um prólogo (conversa ao reposteiro) por Thomaz Ribeiro [A spring of a woman. Poem in four corners (conversa ao reposteiro) preceded by a prologue by Thomaz Ribeiro]. Tipografia Franco-Portuguesa.
- Carvalho, M. A. V. (1876). Vozes no ermo. Com uma carta prólogo do Sr. Conselheiro Latino Coelho [Voices in the wilderness. With a prologue letter by Mr. Board Member Latino Coelho]. Tipografia Editora Mattos Moreira.
- Carvalho, M. A. V. (1877). Serões no campo [Night work in the countryside]. Tipografia Editora Mattos Moreira.
- Carvalho, M. A. V. (1880). Arabescos (notas e perfis) [Arabesques (notes and profiles)]. Tipografia das Horas Românticas.
- Carvalho, M. A. V. (1880). Contos e fantasias [Tales and fantasies]. Joaquim Antunes Leitão.
- Carvalho, M. A. V. (1880). Mulheres e crianças: notas sobre educação [Women and children: notes on education]. Joaquim Antunes Leitão.
- Carvalho, M. A. V. (1886). Cartas a Luísa (moral, educação e costumes) [Letters to Luiza (morals, education, customs)]. Barros e Filha.
- Carvalho, M. A. V. (1889). Alguns homens do meu tempo: impressões literárias [Some men of my time: literary impressions]. Tavares Cardoso & Irmão.
- Carvalho, M. A. V. (1890). Crônicas de Valentina [Valentina's chronicles]. Tavares Cardoso & Irmão.

- Carvalho, M. A. V. (1895). A arte de viver em sociedade [The art of living in society]. Livraria Antônio Maria Pereira.
- Carvalho, M. A. V. (19/07/1885). Conversações lisboenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1171
- Carvalho, M. A. V. (21/08/1885). Cartas do campo [Letters from the countryside]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1312
- Carvalho, M. A. V. (23/02/1878). Folhetim do Jornal do Commercio [Jornal do Commercio's feuilleton]. Jornal do Commercio. Jornal do Commercio (RJ) - 1870 a 1879 - DocReader Web (bn.br).
- Carvalho, M. A. V. (26/03/1885). Conversações Lisboenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/712
- Carvalho, M. A. V. et al. (1885). Um feixe de penas [A bundle of feathers]. Tipografia Castro Irmão.
- Castro, A (1923). D. Maria Amália Vaz de Carvalho. In M. A. V. Carvalho, Cartas a uma noiva [Letters to a bride]. 6ª edição (pp. 7-16). Empresa Literária Fluminense.
- Chartier, R. (1994). Du codex à l'écran : les trajectoires de l'écrit [From codex to the screen: the trajectories of writing]. Solaris. Pour une nouvelle économie du savoir. Presses Universitaires de Rennes. Vol. 1. <http://gabriel.gallezot.free.fr/Solaris/d01/1chartier.html>
- Chartier, R. (1997). O homem de letras [The man of letters]. In M Vovelle (Ed.), O homem do iluminismo (pp. 119-153). Presença.
- Dostoiévski, F. (2003). Uma criatura dócil [A gentle creature]. Tradução de Fatima Bianchi. Cosac Naify, 2003.
- Figueiredo, A. (1918). Maria Amália Vaz de Carvalho. Discurso proferido na sessão solene realizada na Academia de Ciências de Lisboa, na noite de 17 de março de 1918 [Maria Amália Vaz de Carvalho. Speech given at the solemn session held at the Lisbon Academy of Sciences, on the night of March 17, 1918]. Livrarias Aillaud e Bertrand.
- Garzoni, L C. (2013). "Queridas leitoras": seções femininas na imprensa diária do Rio de Janeiro no final do século XIX ["Dear readers": female columns in the daily press in Rio de Janeiro at the end of the 19th century]. História Social, 22-23, 217-234. <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1210>
- Genette, G (2009). Paratextos editoriais [Editorial paratexts]. Ateliê Editorial.
- McKenzie, D. F. (2018). Bibliografia e a sociologia dos textos [Bibliography and the sociology of texts]. Edusp, 2018.
- Miné, E. (2005). Ferreira de Araújo. Ponte entre o Brasil e Portugal [Ferreira de Araújo. Bridge between Brazil and Portugal]. Via Atlântica, 8, 221-229. <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50022/54154>.

- O Paiz (03/10/1884). Noticiário [News].
http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1884_00003.pdf
- Ortigão, R. (1890). Prólogo [Prologue]. In M. A. V. de Carvalho, *Crônicas de Valentina* [Valentina's chronicles] (pp. III-XVIII). Tavares Cardoso & Irmão.
- Pessanha, A. S. S. (2006). *O Paiz e a Gazeta Nacional. Imprensa republicana e abolição. Rio de Janeiro 1884-1888* [O Paiz and Gazeta Nacional. The Republican press and abolition. Rio de Janeiro 1884-1888] [Tese de doutoramento, Universidade Federal Fluminense].
https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_PESSANHA_Andrea_Santos_da_Silva-S.pdf.
- Reis, B. S. C. dos (2012). "Cérebros e corações": a ficção de Maria Amália Vaz de Carvalho no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro ["Brains and hearts": the fiction of Maria Amália Vaz de Carvalho in *Jornal do Commercio* in Rio de Janeiro] [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].
http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4005.
- Silva, A. C. S. (2019). Esaú e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam [Esaú and Jacob and Counselor Ayres's Memorial: Manuscripts that travel]. *Machado de Assis em Linha*, 12(26), 125-160.
<https://doi.org/10.1590/1983-6821201912268>
- Silva, M. R. T. (1983). Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX [Feminism in Portugal in the voice of women writers from the beginning of the 20th century]. *Análise Social*, XIX, (77-79), 875-907.
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465449P2eYY6he7Ah47BN7.pdf>
- Thérenty, M (2007). *La littérature au quotidien. Poétique journalistique au XIXe siècle* [Literature in everyday life. Journalistic poetics in the 19th century]. Seuil.
- Tolstói, L. (2010). *Felicidade conjugal* [Family happiness]. Tradução de Boris Schnaiderman. Editora 34, 2010.
- Women Writers in Portuguese before 1900. <http://www.escriptoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Maria-Amlia-Vaz-de-Carvalho>.